revista online de extensão e cultura
REALIZ AÇÃO

A Extensão Universitária no Assentamento Areias, Nioaque/MS: diálogos transformando pessoas, saberes e processos de produção

University Extension in Areias Settlement, Nioaque / MS: dialogue transforming people, knowledge And production processes

DOI
10.30612/re-ufgd.v6i12.10731

Alzira Salete Menegat
Fabio Pereira Nunes
Cristiano Almeida Conceição
Euclides Reuter Oliveira

Recebido em 28/11/2019 Aceito em: 13/12/2019

Resumo: Este trabalho apresenta as ações de extensão universitária, realizadas pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) com grupos do Assentamento Areias, localizado no município de Nioaque/MS. Tratamos das atividades desenvolvidas em conjunto com grupos de produtores e produtoras de alimentos daquele lugar, com destaque para a apicultura, produção de hortaliças com base orgânica, instalação de estufa para produção de tomates, dentre outras atividades, lá consolidando a extensão universitária. No decurso das ações um fator tem sido fundamental, aquele da organização em grupos de assentados, formando coletivos para implementação das atividades, fortalecendo as sociabilidades entre a vizinhança, bem como as solidariedades e com isso reúnem energias e forças para atuarem nas escalas de trabalhos e de companheirismos entre os participantes dos grupos. Essa metodologia faz com que estendam diálogos com instituições fora do Areias, como o exemplo na parceria com professores/as da UFGD, num esforço conjunto e viabilizando a multiplicação das ações de extensão.

Palavras chave: Ação social, agroecologia, assentados, produção orgânica.

Abstract: This paper presents the university extension actions carried out by the Federal University of Grande Dourados (UFGD) with Areias Settlement groups, located in Nioaque / MS. We dealt with the activities carried out jointly with groups of food producers and producers of that place, with emphasis on beekeeping, organic based vegetable production, installation of greenhouse for tomato production, among other activities, consolidating the university extension there. In the course of the actions, a factor has been fundamental, that of the organization in groups of settlers, forming collectives for the implementation of the activities, strengthening the sociability between the neighborhood, as well as the solidarity and with that they gather energies and forces to act in the scales of work and of fellowship among group participants. This methodology allows them to extend dialogues with institutions outside Areias, such as the example in partnership with UFGD teachers, in a joint effort and enabling the multiplication of extension actions.

Keywords: Social action, agroecology, settlers, organic production.

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Introdução

As ações de extensão universitária em áreas de assentamentos rurais de Mato Grosso do Sul tem se constituindo em redes de diálogos entre docentes da Universidade Federal da Grande Dourados e assentados, intercambiando os conhecimentos científicos produzidos academicamente. Nessa troca estão também os saberes e as experiências dos assentados, que fazem o dia a dia da produção nos projetos de reforma agrária no Estado, como no exemplo da comunidade do Areias, tema do presente artigo.

A formação do elo entre universidade e grupos da comunidade tem viabilizado transferir conhecimentos acadêmicos e resignificar procedimentos de produção no assentamento, elaborando novas práticas para a produção, visando melhoria na qualidade de vida das pessoas que produzem e/ou daquelas que consomem os produtos, com atenção para o meio ambiente.

No caso do assentamento Areias, o diálogo e o fomento universitário tem como proposta a produção com base no orgânico, que requer produzir sem o pacote de insumos e defensivos oferecidos pelo mercado, atentando para a qualidade no produto, evitando danos à saúde e também cuidado com o meio ambiente onde se dá a produção. A intensão está sendo produzir com qualidade, o que requer conscientização ambiental e o respeito à condição humana. Assim, emerge uma nova conduta com a produção, sem agrotóxico. O resultado disso está nos alimentos saudáveis, preservando o ambiente da produção e também a saúde de produtores e consumidores.

A extensão universitária no assentamento Areias se iniciou no ano de 2014, momento em que a UFGD oferecia para as pessoas de assentamentos de Mato Grosso do Sul um curso de Pós-Graduação em Residência Agrária[1], em parceria com o PRONERA[2]. No quadro de alunos do

1 Este curso foi aprovado e cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), na modalidade de curso de especialização, e também aprovado em edital do CNPQ/MDA-INCRA, Nº 26/2012, nas linhas temáticas "Agroecologia e sustentabilidade na produção agrícola, pecuária, atividades pluriativas e manejo de recursos naturais nos assentamentos rurais" e "Uso de metodologias participativas aplicadas à pesquisa, assistência técnica e extensão rural", proposta pelo Edital, em consonância com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA/MDA). O objetivo central do curso foi o de promover a educação de pós-graduação *latu sensu,* em nível de especialização, que congregasse a pesquisa, o ensino e a extensão, para 48 alunos/as, sendo sua maior parte de assentamentos rurais, e um pequeno número constituído de técnicos/as de ATERs, que desenvolvem atividades de pesquisa, extensão e assistência técnica em áreas de assentamentos em Mato Grosso do Sul.

2O PRONERA é um programa credenciado no âmbito do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/INCRA, junto ao Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário/MDSA, e por meio dele tem sido possível gestar condições para que pessoas assentadas participem de cursos oferecidos pelas universidades publicas brasileiras, trazendo para o contexto dessas suas experiências, compartilhando e fomentando novos saberes. Foi essa troca que mediou os encaminhamentos realizados durante o curso de Residência Agrária da UFGD, viabilizado pela parceria entre a UFGD, INCRA/PRONERA/MDSA e CNPq.

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

referido curso, havia um[1]que era proveniente daquele assentamento. O referido curso combinou ensino, pesquisa e extensão, porque foi organizado sob a Metodologia da Alternância[2], que combinava aulas presenciais na UFGD, com aulas nas comunidades onde residiam os alunos. Aliado a isso, cada aluno deveria desenvolver um experimento de produção no âmbito de sua comunidade, acompanhado por docente da UFGD e o aluno do Areias escolheu introduzir a apicultura, como atividade do curso, recebendo da universidade o acompanhamento técnico. Foi dessa forma que professores da universidade chegaram até o Areias e lá continuaram com ações após o término do curso. De "lá para cá", o curso terminou, o aluno concluiu, mas retornou a UFGD, para dar continuidade em sua formação, desta feita em curso de Pós Graduação em nível de mestrado em Sociologia. Os diálogos entre docentes da UFGD e assentados do Areias também foram se fortalecendo e as atividades de extensão sendo multiplicados, em sua maioria cadastrados na Pró Reitoria de Extensão da UFGD, contando com fomento da universidade para seu desenvolvimento, e contando com a coordenação do Professor Euclides, da Faculdade de Ciências Agrárias. Este, responsável em fazer o elo nas parcerias com aquela comunidade. Destacam-se os seguintes projetos desenvolvidos no Areias: Apicultura, produção de hortaliças/legumes com base orgânica, produção de amendoim e batata doce, criação de coelhos, formação de estufa para produção de tomate, fruticultura. Além disso, uma importante ação de extensão esteve dedicada à organização e formação de grupos de trabalhos.

Iniciamos apresentando o processo que envolveu a formação de grupos de trabalho, porque entendemos que as ações de extensão só são possíveis se forem constituídos laços entre os membros de cada grupo que formam as comunidades da ação. A reunião de pessoas em grupos facilita a criação de novas sociabilidades e reciprocidades (mesmo diante de conflitos, comuns em todos os grupos), e por meio delas angariam força social necessária, servindo de combustível para o desenvolvimento das diversas ações na área do assentamento Areias. Vejamos como isso ocorreu no Areias.

1 Um dos autores desse estudo, o qual cursou graduação em Ciências Sociais na UFGD, pelo PRONERA, Pós-Graduação (especialização) em Residência Agrária, também na UFGD e na parceria com o PRONERA, encontra-se concluindo o mestrado em Sociologia. No entanto, continua na condição de assentado da reforma agrária, desenvolvendo atividades de produção no lote do assentamento Areias, evidenciando que apenas troca as enxadas, mas continua no plantio.

2 Alguns vídeos foram realizados sobre o curso, dentre eles um sobre o assentamento Areias, que pode ser acessado no seguinte endereço: http://int.search.tb.ask.com/search/video.jhtml?n=783a37e8&p2=%5ECPC%5Echr999%5ES20164%5E&pg=video&pn=1&ptb=86555FA2-93A0-425D-971A-54D2EF231BBE&qs=&searchfor=video+no+Yotub+residencia+agr%C3%A1ria+assentamento+areias&si=&ss=sub&st=sb&tpr=sbt&vidOrd=1&vidId=IwQxnlma2PU

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

Os grupos envolvidos com as ações de extensão

Para o desenvolvimento das ações foram criados três grupos no Areias, com famílias que ocupam lotes individuais no assentamento, sendo o grupo da atividade apícula, e dois grupos com hortas de base produtiva orgânica, um desses grupos da horta, estão no momento com dois novos projetos, a estufa para tomates e o plantio de limão. Todos atendendo as normas de produção orgânica.

No entanto, se as famílias ocupam lotes individuais, para o desenvolvimento das ações de extensão, foram constituídas áreas comuns e em determinados lotes, nelas envolvendo todos os membros dos grupos. Em primeiro momento foram convidados os assentados para participarem dos grupos de trabalho e aqueles que manifestaram interesse, passaram a constituir grupos. Os integrantes dos grupos se organizaram em conformidade com alguns referenciais da comunidade, dentre eles, pela proximidade de lotes e, sobretudo, pela afinidade entre os membros, no tocante ao trabalho coletivo.

O primeiro grupo foi constituído de nove famílias, sendo responsável pela atividade de apicultura. Nos trabalhos com o apiário o grupo estabeleceu uma organização com escalas de tarefas e de pessoas responsáveis para cada etapa da atividade, sendo: definido duas pessoas responsáveis para a produção de caixarias; outras cinco responsáveis pela captura de enxames e transporte das caixas ninho para os apiários, os demais se encarregaram das limpezas da marcenaria e apiários, além de se responsabilizarem pelo manejo das colmeias.

O segundo grupo foi formado no entorno da horta de base orgânica, visando à produção de hortaliças, legumes e culturas anuais, como milho e alguns feijões. Além das batatas, quiabos, abóboras, entre outros. O grupo é constituído de quatro famílias, com seis membros permanentes. Para viabilizar as atividades formaram a seguinte organização: inicialmente em todos os dias eles se encontram na horta coletiva para os trabalhos de irrigação, adubação e tratos culturais. Contudo, após a ampliação das atividades nesse grupo específico, definiram um dia de trabalho comum a todos, o qual ocorre nas quintas-feiras, configurando-se num momento para realizarem trabalho de mutirão, que demanda esforço extra. Nos demais dias, ocorre à subdivisão do grupo para realizarem diversas tarefas, seja na horta no pomar, e/ou na estufa, mas sempre que necessário, se reagrupam para realizar alguma frente de trabalho, que demanda mão de obra coletiva.

O terceiro grupo foi constituído para a produção de horta orgânica, porém eles

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

trabalham com área menor que aquela do segundo grupo. Esse grupo se destaca pela produção de verduras e legumes, sendo formado por três famílias assim organizadas para os encaminhamentos da atividade: durante o período de produção de hortaliças folhosas, se reúnem todas as manhãs e tardes para irrigação. Durante a fase de preparo dos canteiros e implantação das mudas, os membros desse grupo se reúnem de segunda a sexta-feira, para desenvolver todo o processo de plantio e tratos culturais.

Cabe destacar que no diálogo com os diferentes grupos, emergiram possibilidades e dilemas diversos, especialmente aqueles que de certa forma geravam dificuldades estruturais para a produção no Areias, tais como: carência nutricional do solo, produção com base no trabalho individual, baixo índice de assentados com acesso a fomento agrícola, pequeno uso de tecnologias sociais que facilitasse a produção, irregularidade na posse das terras, dentre outros aspectos.

O conhecimento da dinâmica da comunidade possibilitou aos docentes da UFGD adentrarem aos problemas lá vividos, que envolviam o desenvolvimento das ações, e também extrapolavam sua dimensão, como o caso da fragilidade na documentação dos lotes. Parte das famílias do assentamento não possuíam títulos de posse dos lotes, estes fornecidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/INCRA, documento importante para que pudessem comercializar seus produtos com maior facilidade, bem como acessar fomentos agrícolas, instrumento importante para potencializar a produção, assim como criar vínculos mais efetivos dos assentados mediante o domínio jurídico de seus lotes.

O Areia é um assentamento de reforma agrária, criado pelo INCRA, mas com sua estrutura ainda inacabada em termos jurídicos, dependendo de ações desse órgão para sua consolidação. Assim, para a solução desse impasse, o coordenador das ações de extensão da UFGD, ouviu os relatos dos assentados e levou tais dilemas ao INCRA, passando a mediar à comunicação entre assentados técnicos do INCRA. Dessas conversas, o INCRA aceitou o desafio de desatar o "nó" institucional que impedia a emissão da titularidade dos lotes. Atualmente essa ação encontra-se em fase conclusiva, o que representa um ganho imenso para as pessoas do assentamento, visto que de posse dos documentos de seus lotes, os assentados passarão a deterem maior segurança, e atenderem aos requisitos exigidos no momento de acessarem políticas públicas de fomento à pequena produção. Além disso, gera condições favoráveis para a emergência do sentimento de pertencimentos aos lotes que ocupam, seja para aturem individualmente ou de forma coletiva.

Na pequena produção a formação de grupos coletivos indica ser o caminho para se fortalecerem, não só para a execução dos trabalhos de cada atividade, mas também porque propicia

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

meios para ampliarem o acesso ao fomento agrícola, somando forças e recursos para a instalação e execução das ações, como no caso do Areias. A mediação para o reconhecimento jurídico da posse dos lotes, acreditamos tenha sido um dos mais importantes resultados da ação de extensão da UFGD no assentamento Areias, visto que gera diversos elementos favoráveis para aqueles que fazem o dia a dia daquele lugar, dentre eles o sentimento do pertencimento e, especialmente, a autonomia das famílias que ocupam os lotes. Vejamos outras ações desenvolvidas pela UFGD junto às famílias do Areias, como a atividade apícula.

O grupo na ação da apicultura

No início das atividades com a apicultura, após a formação do grupo que nela atuaria, seus integrantes foram observando que o assentamento possuía grande área de mata nativa e contava também com outra em estágio de recomposição. Assim, nas reuniões entre o grupo e docentes da UFGD, ficou decidido que a universidade acompanharia os trabalhos com orientações técnicas pra instalação de apiário.

As atividades foram iniciadas com uma série de reuniões com a finalidade de esclarecer as etapas e trabalhos que envolvia a ação de extensão, o que isso resultaria em compromisso da comunidade, bem como a universidade fomentaria a apicultura no local. Após os encontros iniciais, ficou constituído um grupo de 12 pessoas assentadas responsáveis pelas atividades. Para isso, elaboraram um plano de atuação para os membros, que intercalava trabalhos com as capturas de enxames, participação nas aulas teóricas ministradas pela UFGD, que versava sobre a morfologia, anatomia, comportamento e manejo dos insetos apícolas. Isso produziu no grupo uma dialética que compreendia a teoria trazida pela universidade, referente aos conhecimentos acadêmicos produzidos, combinada com a experiência acumulada pelas pessoas da comunidade, e assim foram resignificando saberes em ambos os espaços. Vejamos uma das primeiras imagens do grupo executando atividades no apiário, com a instalação e manutenção das caixas com as abelhas, organizado na reserva florestal do assentamento Areias.

Fotos 1 e 2: Aula Prática no Apiário do Assentamento Areias

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401



Fonte: Raissa Pereira Barros, registro feito em 2014.

A orientação técnica da UFGD ocorria mensalmente, momento em que o grupo todo se reunia e estudava os referenciais teóricos necessários, bem como participava de aulas práticas direcionadas a captura de enxames e o monitoramento das colmeias instaladas no apiário. Em cada visita, ao final das atividades/discussões, os técnicos deixavam novas orientações, em formato de ações, a serem executadas pelo grupo envolvido, até que acontecesse à próxima visita da assistência. E assim ocorria a nova reunião, quando reuniam e debatiam resultados e rearranjos, visto que na aplicação de conhecimento acadêmico em determinada comunidade, é necessário adequá-lo ao ambiente onde está sendo implementado. Por isso a importância nos saberes dos membros do grupo, especialmente naqueles direcionados a dinâmica da comunidade e do meio ambiente do lugar, adequando o conhecimento técnico trazido pela universidade, as potencialidade do lugar. Nessa dinâmica foram consolidando a produção de mel no assentamento.

Dentre as diversas etapas de desenvolvimento da atividade no assentamento, um destaque para a oficina/marcenaria que lá foi instalada, visando à produção no local, de caixas e melgueiras, dentre outros materiais necessários para organização das colmeias, ação assumida pelos próprios assentados envolvidos no grupo de produção. Para isso, a UFGD disponibilizou materiais (máquinas, madeiras) e orientação técnica, e o grupo construiu o barracão-oficina, gerando autonomia no grupo, em relação aos materiais que envolviam as fases para o desenvolvimento da atividade. Com isso, o grupo passou a deter conhecimentos tanto no manejo das abelhas, como na produção dos materiais necessários em cada etapa, aspectos fundamentais para o pleno êxito da ação, porque produz maior geração de renda, quando se desvinculam da compra de instrumentos no mercado. A colheita do mel acaba sendo comercializada sem acréscimo de despesas contraídas no decorrer da safra.

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

Cabe destacar que as principais atividades com a ação, em seu princípio, eram a implantação de apiários usando cavaletes para receber os primeiros enxames de captura e em seguida seriam ampliados com outros enxames. No primeiro ano de experiência com a atividade, o grupo de apicultores realizou a primeira colheita, esta, por sua vez, teve um ótimo resultado, pois foi colhido cerca de 40 kg de mel por colmeia. Esse resultado foi possível, por conta do auxílio da universidade no manejo dos enxames, visto que as orientações técnicas possibilitaram aos assentados aprenderem todas às técnicas de manejo da apicultura.

A produção de mel no assentamento Areias tem características de produção com base orgânica, porque lá as atividades agrícolas acontecem sem uso de defensivos agrícolas químicos, e isso amplia a fonte de pólen e néctar, além de realizar uma troca socioambiental, pois são os insetos os responsáveis pela polinização das flores, resultando em maior produtividade para os assentados, que desenvolvem atividades agrícolas tais como: feijão, milho, gergelim, e frutíferas em geral. Além disso, o tamanho das reservas florestais no assentamento são fontes naturais fecundas no que se refere à diversidade de alimentos propícios para a atividade apícola. Em seu entorno existem fontes de água, e com a disponibilidade desse recurso foi identificado à presença de uma ou mais fonte de água a menos de 300 metros dos locais definidos como satisfatórios para a instalação de apiários, especialmente, porque a água disponível no Areias, é basicamente de minas, lagoas, açudes e pequenos cursos de água (pequenos córregos). Vejamos uma imagem do manejo das colmeias.

Foto 3: manejo de colmeias



Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

Fonte: Raissa Pereira Barros, registro feito em 2015.

A florada apícola é destaque no Areias, que somada aos períodos em que ocorrem chuvas regulares e a existência de área de matas com plantas de flores melíferas, sinalizam para o potencial na atividade apícola naquele lugar. Desse modo, integrantes do grupo de apicultores, ao observar na prática como é produtiva e prazerosa a atividade, continuam desenvolvendo a apicultura no assentamento, a qual passou figurar como uma fonte de renda para algumas famílias.

A comercialização do mel se configura como importante fonte de renda por ser um produto que tem aceitação e pode ser comercializada imediatamente a colheita, ou pode ainda ser guardado para uma emergência futura, ou seja, como o mel não é perecível é possível armazenarem o produto por algum período do ano e vendê-lo em épocas mais favoráveis, fora da época de colheita. Assim, o valor de mercado alcança maiores índices de precificação em virtude da escassez do produto.

Além da geração de renda, o mel, advindo da atividade com a apicultura, produziu mudança de hábito na comunidade, visto que as famílias não possuíam hábito de consumirem esse produto em sua dieta alimentar familiar, até mesmo porque é um produto de valor elevado. Ao produzi-lo no assentamento, passaram a consumir mel diariamente, devido o acesso ao produto e assim assegurando benefícios e melhoria na saúde da família. O consumo do mel no âmbito familiar também consideramos como valor agregado ao produto, difícil de ser medido, mas está presente nos benefícios que traz as famílias que se tornaram não só produtoras, mas consumidoras de um importante alimento.

O contentamento com a atividade é possível de ser observado no grupo, que após alguns anos de sua iniciação, os assentados continuam com a atividade, mesmo tendo identificado alguns problemas, tais como: ataques de animais silvestres nas colmeias, dificuldade de construção de caixas para reposição de enxames, elementos que desmotivou alguns integrantes do grupo de apicultores. Isso fez com que o grupo se reorganizasse para aparar arestas, e encontrar condições adequadas para continuarem com a atividade.

Na leitura sobre o fazer do grupo, da qual participaram todos os membros, mediados por docentes da UFGD, deu-se a reorganização do grupo em suas ações. Alguns membros do grupo deixaram a atividade, por não se identificar com a mesma, e novas escalas de trabalho foram reconstruídas, especialmente aquela destinada a fabricação dos materiais, etapa que envolvia rodízio entre os membros do grupo, passando a ser assumida por um único componente do grupo, responsável pela construção de caixas, para reposição no apiário. Pode se dizer que a apicultura no

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

Areias, está consolidada e se assim continuar, o grupo poderá colher toneladas, ao invés de quilos, nos próximos anos.

Nesse sentido, a ênfase a extensão universitária no assentamento Areias, que na atividade com a apicultura ocorreu em diversas frentes, não somente nas orientações técnicas, mas, especialmente, no gerenciamento de conflitos, nos estímulos para que seguissem em frente, aspectos difíceis de serem quantificados estatisticamente, mas que são imprescindíveis na extensão, que seguem para além das orientações práticas visando potencializar a produção, configurando-se na organização da cooperação entre os membros do grupo. Isso possibilitou aos assentados integrantes do grupo de apicultura, compartilhar fazeres entre si, ampliar os laços de sociabilidade com a vizinhança, diversificar conhecimentos e gerar autonomia com a ação, seja em termos de capturas de enxames, manejo das colmeias, coleta e comercialização do mel. Vejamos a ação do grupo com o manejo das caixas.

Fotos 4 e 5: aula prática sobre manejo de caixa-ninho.



Fonte: Raissa Pereira Barros, registro feito em 2014.

A maior conquista dos assentados com a atividade de apicultura está para além do conhecimento apendido ao logo da assistência técnica universitárias, visto que apreenderam a importância de dialogar no grupo, no fazer de escalas de trabalho, na reciprocidade e especialmente a olharem com mais atenção para a vizinhança e para o meio ambiente que ocupam. As abelhas necessitam de matas, floradas, água, elementos que leva a atentarem cuidadosamente para seus lotes, evitando manejos incorretos que podem levar a mortalidade das abelhas, ou em sua baixa produção de mel. A reciprocidade ocorreu entre os membros do grupo, no fazer da atividade, mas também no meio em que habitam, na importância em cuidar dele e deles próprios. Se no início da atividade, quando nela iniciaram a viram com certa desconfiança, atualmente são conhecedores do potencial econômico que a mesma promove. Identificam as floradas e lidam com o manejo dos

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

enxames com propriedade no assunto. Em suma, são apicultores em construção, pois apreendem cada dia mais, além de repassarem para amigos de outros assentamentos seus conhecimentos adquiridos após anos de manejo.

Considerando a importância do trabalho em grupo, aliado ao bom convívio no assentamento com a atividade da apicultura, ressalta-se as ações que o grupo vem desenvolvendo junto à vizinhança em determinados meses do ano, sendo comum atenderem chamados para retirarem enxames de abelhas que se instalam nas casas dos assentados. Como o grupo detém conhecimentos de captura e também possui todos os instrumentos necessários, dentre eles vestimentas apropriadas para a lida com abelhas, realizam também essa ação, levando os enxames para o apiário instalado na reserva. Concomitantemente a atividade de extensão com a criação de abelhas, a extensão universitária atuou com hortas, para produção de verduras e legumes com base orgânica, atividade que passamos a relatar.

O fazer nas hortas orgânicas

Após a primeira experiência com o trabalho coletivo na apicultura, as ações de extensão da universidade[1], tomaram outras proporções, propondo numa das reuniões que pensassem se desejam assumir o desafio de trabalhar com horta orgânica. Muitos assentados se animaram a ingressarem no novo grupo de trabalho coletivo, parte por ter observado que as ações universitárias estavam dando frutos através da apicultura, outros por gostar de lidarem com hortas. Viram na proposta de nova oportunidade um momento de realização e de aprendizado, pois as hortas também contariam com a assistência técnica da APOMS (Associação dos produtores orgânicos de Mato Grosso do Sul), aliado a universidade.

Em 2015, dois grupos iniciaram as atividades para implantação das hortas orgânicas, em primeiro momento, tiveram as primeiras reuniões, quando definiram o local onde seriam instaladas as hortas, ficando definido dois deles: uma no lote 37, na casa da Irmã Cleusa e outra no lote 11, casa da Dona Dirce. Como apontado anteriormente, mesmo à atividade se dar em um lote específico, em termos de local para a instalação, nela está um trabalho coletivo. E assim iniciaram-se as atividades de campo, somada as orientações técnicas, com algumas metas a serem cumpridas entre uma visita e outra dos técnicos, as quais ficaram conhecidas como “tarefas” dos assentados.

As tarefas iniciais consistiram na construção de quebra ventos, introduzindo algumas plantas para proteger dos ventos o local da produção. As principais plantas foram: as amoras, feijão-

1 Ações coordenadas pelo professor Euclides Reuter de Oliveira.

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

guandu, capim-napier, entre outros. Após essa tarefa inicial, a universidade providenciou e disponibilizou na comunidade os materiais necessários para cercar o local da horta, pois os assentados possuem muitos animais domésticos, dentre eles as aves. Estas, por sua vez, como são criadas soltas poderiam inviabilizar a atividade, ao adentrarem nas instalações não protegidas e se alimentarem dos produtos. Vejamos algumas fotos das hortas.

FOTOS 6 e 7: Horta orgânica no início da implantação (A) e atualmente (B)



Fonte: Registros Fábio Pereira Nunes, fotografado em 2014 e 2019.

Com materiais no local, especialmente a tela para o cercamento das hortas, os assentados construíram os primeiros canteiros. Contando com orientações de docentes da UFGD, revolveram o solo, adicionou adubação orgânica à base de esterco de aves, e assim, realizaram a primeira semeadura ainda no ano de 2015. Cabe destacar que entre os materiais enviados pela universidade, se somam as telas, caixas d'água de 5000 L, sistema de irrigação com materiais alternativos realizados com garrafas pets, calcário, adubos e sementes. Esse aporte inicial foi fundamental para o fomento da atividade local, pois o assentamento Areias até o momento das atividades de extensão não contava com nenhuma ação governamental de fomento ao assentamento, tais como PRONAF, entre outros.

Os grupos das hortas orgânicas foram incentivados trabalharem em duas áreas distintas. A primeira seria a horta cercada por telas para a produção de hortaliças, a segunda, no entorno da horta, consistia numa área aberta onde poderiam introduzir culturas sazonais e ou perenes. Desse modo, teriam outras fontes de alimentação e renda para se somar a horta. Nessa área externa, passou a cultivar milho, amendoim, quiabo, feijão-de-corda e batata doce. Vale salientar que o objetivo das atividades sempre foi à produção de alimento para o consumo das famílias e a venda do excedente. Tanto no caso das hortaliças, quanto àquelas cultivadas fora do cercado da

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

horta tiveram boas produções, capazes de fornecer alimento saudável para os integrantes dos grupos. Após esse objetivo inicial de alimentar as famílias, os assentados venderam o excedente, tanto para outros assentados, quanto no comércio do entorno do assentamento. Além disso, no caso da batata doce, com auxílio da UFGD passaram a comercializar o excedente junto a APOMS. Vejamos algumas imagens dos produtos cultivados no entorno das hortas.

Fotos 8 e 9: Lavouras cultivadas na área externa da horta.



Fonte: Registros Fábio Pereira Nunes, fotografado em 2015.

Foi implantada, ainda, uma pequena área em uma das hortas coletivas, com adição de frutíferas, sendo que parte delas já está produzindo, outras levarão alguns anos para produzirem. Essa área fica as margens da estrada que dá acesso para grande parte dos lotes do assentamento, o que promove em quem por ela trafega, especialmente para as pessoas do assentamento, um sentimento agradável nesse transitar, visto que é possível apreciar e acompanhar o desenvolvimento das frutíferas, em sua vivacidade.

Outro resultado das hortas tem sido a existência de sobras de verduras, tratos culturais, bem como de legumes e para aproveitar essas sobras, em uma das famílias foi introduzido outra atividade, que é a criação de coelhos, destinados ao consumo familiar. Receosos de início, os assentados apenas cuidavam dos animais, mas após experimentar a carne de coelhos passaram a intensificar a cria e recria para fins de consumo, melhorando a dieta alimentar das famílias. Vejamos algumas imagens:

Fotos 10 e 11: cunicultura na horta 2.

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401



Fonte: Registros Fábio Pereira Nunes, fotografado em 2019.

Interessante destacar o papel das mulheres em ambos os grupos da horta orgânica. Elas desde o início foram às pessoas que aceitaram os projetos e deram os primeiros passos no sentido da implantação da atividade, delegando aos homens os serviços pesados para realiza-los, mas se não fosse cumprido à tarefa por eles, elas se encarregavam. Nesse sentido, consideramos que foram as mulheres que deram corpo aos projetos em todos os elos da produção. Assumiram a responsabilidade pelo desenrolar das hortas orgânicas, tanto que elas são a maiorias nos dois grupos. Todas as orientações técnicas são repassadas para elas, durante as visitas da universidade nas instalações. Costuma-se dizer que elas são o corpo principal do grupo, visto que elas assumem a função de cobrar aos homens a realização de certas tarefas e dessa forma atuam como guardiãs dos projetos, sempre vigilantes, conseguindo levar a organização com resultados satisfatórios e assim prover alimento saudável para suas famílias e comercio do excelente.

Atualmente estão em andamento mais duas ações coletivas: a instalação de uma estufa para produção de tomate também com base orgânica e outro projeto visando à formação de mais um pomar com plantio de limão Taiti, visando atender a comunidade, mas a venda do excedente. Vejamos como esses dois projetos estão sendo instalados:

A estufa para produção de tomates

Com o objetivo de produção de tomates, está em fase final de instalação uma estufa, a qual está alocada no lote onde já se encontra instalada uma das hortas de produção orgânica, e que no assentamento é conhecido como lote da "irmã Cleusa".

A estufa tem as dimensões de 660 metros quadrados e foi pensada para o plantio de tomate orgânico. Essa demanda foi gestada em um momento de campo que alguns integrantes dos grupos realizaram no estado do Paraná, momento esse que puderam trocar conhecimentos e

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.
Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

entender as reais potencialidades produtivas do tomate em escala comercial. Em outra visita, ao assentamento Itamarati, lá também puderam observar uma experiência com a produção de tomate orgânico em estufas.

Diante do entusiasmo com as novas possibilidades produtivas, passaram a dialogar com o coordenador dos projetos de extensão da UFGD no assentamento, que viabilizou materiais e os assentados definiram o local. Feita essa etapa, reuniram-se coletivamente para os trabalhos de instalação da estufa, e assim resultando em mais uma atividade de extensão da UFGD no Areias, contando com parcerias para auxílio técnico de membros da APOMS, e também de produtores assentados no Itamarati, que detém experiência na atividade, visto que exige mão de obra especializada para a construção do espaço para o novo cultivo.

Seguindo o exemplo das ações anteriores, os técnicos responsáveis para a construção da estufa, delegaram tarefas para os assentados, entre uma etapa e outra da construção e dessa forma, de visita em visita, entre acertos e erros a estufa foi tomando forma e atualmente sua estrutura está pronta, com todos os moirões fixados, tela lateram e lona no teto.

Na próxima visitação, outra etapa, será feita a adubação do solo, para posterior implantação do sistema de irrigação e plantio dos tamateiros. Vejamos imagens que envolveram a construção da estufa.

Fotos 12, 13, 14 e 15: Processo de construção da estufa





Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401



Fonte: Registros Fabio Pereira Nunes, fotografado em 2019.

Quanto à cultura do limão Taiti, outro projeto em andamento, e iniciado há pouco tempo, este exige mais ações necessárias para sua finalização, visto que existem órgãos de regulação e fiscalização, que acompanham todo o processo de compra, transporte, definição de área para plantio, visando com isso evitar a disseminação de doenças nas mudas utilizadas. Por isso, uma das primeiras medidas adotadas nessa atividade, foi contatar com IAGRO, órgão estadual que efetua a vigilância sanitária em Mato Grosso do Sul, para que seus técnicos fossem até o assentamento Areias e assim vistoriar a área de plantio, a fim de verificar se cumpria as exigências sanitárias para a implantação da cultura.

Naquele momento veio à tona o problema estrutural do assentamento, visto que no lote que havia sido definido como local para plantio das mudas, a exemplo de uma grande quantidade de lotes no assentamento Areias, não possuía título de posse da área, documento emitido pelo INCRA, e por meio do qual o assentado pode dispor de nota produtora, entre outros documentos. Estes são necessários para a aquisição das mudas, transporte das mesmas, bem como definição de área para plantios dos limoeiros.

Nesse sentido que evidenciamos, anteriormente, a importância e a dimensão da extensão universitária, que se estende para além de uma atividade produtiva, como o exemplo da implantação de uma unidade de produção de limão, visto que para o plantio foi necessário o coordenador do projeto de extensão da UFGD, dialogar com o INCRA para que o mesmo viabilizasse a documentação não só do lote do plantio, mas dos demais que se encontravam nessa situação. Da mesma forma dialogou com o IAGRO e com os assentados, fizeram um esforço conjunto viabilizando necessidades estruturais, que resultam no desenvolvimento do plantio do limão e de outras ações que forem viabilizadas. Isso porque a relação de fomento via governo, tanto

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

na produção, como na comercialização de produtos agropecuários, exigem comprovação da titularidade da terra. Por isso é possível ver a felicidade dos assentados com a conquista da titularidade, possível pela mediação do professor da UFGD, apontando o alcance nas ações da extensão universitária.

A regularização da posse dos lotes promoveu pertencimentos dos assentados com o local, numa segurança de que seus fazeres dariam certo, e assim muitos deles já acessaram os créditos rurais, compraram animais, fizeram cercas, limpeza de pastos entre outros. Os demais assentados que se encontravam desanimados por não terem condições de regularizar seus lotes, estão fazendo planos para o futuro após a última visita da agente do INCRA, acreditando que agora é possível realizar novos planos e melhorar a qualidade de vida, pois sem fomento, ficam de mãos atadas, principalmente nesse momento de crise econômica. No caso do plantio de limão, este se encontra em fase de implantação, tendo sido instalada a caixa de água e as mudas já estão nas covas. O sistema de irrigação está nos últimos ajustes, assim como os tratos culturais, imprescindíveis para a cultura. Vejamos algumas imagens:

FOTOS 16 e 17: Implantação das mudas de limão



Fonte: Registros Fabio Pereira Nunes, fotografado em 2019.

Estas imagens mostram a finalização do plantio das mudas e limão. Observa-se que as linhas entre as plantas são bem espaçadas, e segundo os assentados, esses espaços entre as linhas estão sendo usados para cultivar algumas plantas rasteiras, como melancia, abóbora e maxixe.

Considerações Finais

Este estudo visou apresentar os resultados das ações de extensão universitária, realizadas pela Universidade Federal da Grande Dourados no Assentamento Areias, desenvolvidas

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

com grupos de produtores e produtoras de alimentos daquele lugar, com destaque para a apicultura, produção de hortaliças com base orgânica, instalação de estufa destinada a produção de tomates, dentre outras atividades.

No decorrer da interrelação entre docentes da UFGD e assentados, organizados em grupos, foram sendo implementadas ações diversas, entre as quais destacamos uma principal, que consistiu na afirmação da sociabilidade entre as famílias envolvidas em cada grupo, o que consideramos fator primordial para o desenvolvimento de qualquer ação de extensão, visto que a força do grupo que está em dialogo com a extensão universitária é fundamental para o pleno desenvolvimento de que se pretende aplicar no cotidiano da produção.

A reunião que os assentados estabelecem entre si para a implementação de cada atividade, criando parcerias e fortalecendo as sociabilidades entre a vizinhança, reunindo energias e esforço físico para atuarem nas ações, com escala de trabalho e companheirismos entre o grupo é um dos principais resultados da extensão universitária, porque dele dependem as demais ações. Os dilemas e conflitos existem e constantemente se mostram porque são inerentes ao trabalho em grupo, visto que cada pessoa possui um projeto e um desejo de aplica-lo segundo sua própria logica.

Com as ações de projetos diversos, os assentados do Areias e professores da UFGD estenderam diálogos com instituições externas ao assentamento, viabilizando melhor as ações. Esse esforço conjunto tem propiciados meios para alcançar resultados satisfatórios e também na ampliação no numero e na diversidade de ações.

Nesse cenário, os projetos de extensão universitária são aportes imprescindíveis nas duas pontas: na universidade porque ao aplicar conhecimentos acadêmicos consegue a eficácia e o alcance social dos mesmos; nas comunidades que ao aplica-los consegue resignificar processos de produção visando melhoria.

Em se tratando de assentamentos rurais, pode se dizer que nessa via é possível alcançar o que podemos denominar de tecnologia social e de sociabilidades, e que se traduzem em dois sentidos: primeiro, numa tecnologia, visto que a universidade, por meio da visão técnica, propõe novas possibilidades de produção, de uma gama de produtos agropecuários; segundo, é social por vir de encontro aos anseios de melhora na qualidade de vida das pessoas assentadas. Dessa inteiração entre grupos de assentamentos/docentes da universidade, têm-se novos processos de produção e de consumo, bem como de descobertas científica, cunhadas no fazer das comunidades gerando novas sociabilidades.

Esses resultados podemos dizer que estão sendo alcançados no assentamento Areias,

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

especialmente no elemento que aparece durante a extensão universitária, que versa sobre o sentimento de grupo, pois todos os projetos são realizados com grupos de trabalho, ou seja, é necessária a formação de coletivos de trabalho para poderem acessar o projeto. Então as pessoas aprender a trabalharem em grupos, reforçando o sentido de coletivo e de ajuda mutua entre vizinhos.

As trocas de saberes fornecem aos assentados novos olhares sobre as possibilidades de produção e com isso um novo arranjo tem sido possível, baseado na diversificação de produtos, aproveitando o potencial do lugar, adotando técnicas de policultura. Estes são ingredientes da extensão universitária nas comunidades rurais. Sem suma, o assentamento respira novos ares de esperança e conhecimentos, promovendo mudanças, possíveis através do diálogo com a universidade.

No assentamento Areias ocorre a reunião de forças, dos assentados redescobrindo o trabalho em grupo, dos docentes da UFGD, caminhando no sentido da superação de desafios presentes, com foco nas possibilidades que se deslumbram, decorrente desse apoio, incentivo e na troca dos saberes - acadêmicos e sociais.

Referências Bibliográficas

AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. **Agroecologia:** princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Editores técnicos, Adriana Maria de Aquino, Renato Linhares de Assis – Brasília, DF: EMBRAPA (Informação Tecnológica). 2005.

BRASIL. Brasil Agroecológico**. Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica** – **PLANAPO**: Relatório de balanço 2013-2015. Brasília: MDA, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra**: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da Serra da Mantiqueira em Joanópolis. Campinas: UNICAMP, 1999.

GARCIA Jr., Afrânio. **Terra de trabalho**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.

HEREDIA, Beatriz Alásia de. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRIEDRICH, O. A. **Comunicação rural**: Proposição crítica de uma nova concepção. 2 ed. Brasília: EMBRATER, 1988.

OLINGER,.G. **Extensão Rural**: Verdades e Novidades. Florianópolis: EPAGRI, 1998.

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

SIMON, A. A. **A Extensão Rural e o Novo Paradigma**. Florianópolis: EPAGRI, 1996.

WHITAKER, Dulce Consuelo A.; BEZZON, Clara Crivelaro. **A Cultura e o Ecossistema:** reflexões e práticas de um diálogo. Campinas, SP: Alínea Editora, 2006.

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.